

## Resumos

### Sessão 12. Tópicos Teóricos

#### **Entre semiótica figurativa e semiótica plástica: origens**

*Daniela Nery Bracchi (USP –SP)*

A semiótica, em seu projeto científico, erige seus fundamentos a partir do estudo do signo verbal. A pesquisa sobre a construção da significação nas outras formas de linguagem tem como ponto de ancoragem dois semioticistas que defenderam o estudo da significação visual como importante passo no projeto semiótico de análise sobre os modos de produção do sentido. Seguindo a trilha de Ferdinand de Saussure e Louis Hjelmslev, Greimas propõe o entendimento da construção da significação a partir de uma pluralidade de linguagens e garante ao visual um lugar entre os sistemas de significação. Seu artigo de 1984, intitulado “Semiótica figurativa e semiótica plástica”, afirma o lugar da pesquisa sobre a linguagem visual dentro do programa de investigação da Escola de Paris e marca as diferenças entre tal abordagem e a semiologia da imagem, de Roland Barthes. No texto “Retórica da imagem”, de 1962, Barthes aborda questões, como a natureza analógica da fotografia, questionando a arbitrariedade do signo visual. Em resposta a alguma dessas questões, Greimas defende a semiótica plástica sistematizada em seus postulados pelos estudos de Jean-Marie Floch e recusa os postulados de base da semiologia da imagem visando garantir sua filiação ao estruturalismo de Saussure e Hjelmslev. O presente trabalho busca analisar as semelhanças e divergências entre os dois programas de investigação sobre a linguagem visual a partir de dois textos programáticos desses diferentes autores sobre a autonomia dos estudos da linguagem visual.

*([bracchi@gmail.com](mailto:bracchi@gmail.com))*

## **O corpo-próprio na semiótica**

*Maria Goreti Silva Prado (UNESP – SP)*

A semiótica greimasiana incorpora o conceito de corpo ao seu conjunto epistemológico a partir dos estudos dedicados à paixão. Desde então, essa noção passou a ocupar lugar de destaque na teoria. Buscando construir o conceito de actante a partir da noção de corpo, Jacques Fontanille (2011) propõe que não se examine apenas o que se passa com o actante conhecido como uma regularidade sintagmática formal, calculável a partir dos argumentos recorrentes a uma classe predicativa, como acontece na semiótica “clássica”, mas que também o considere como um corpo constituído de uma carne e de uma forma corporal. Esse corpo é considerado o centro e o condutor das impulsões e das resistências responsáveis pelos atos transformadores dos estados de coisas que animam os percursos das ações. Em busca de seu propósito, de estabelecer um elo entre a noção de corpo e de actante, Fontanille parte de uma primeira divisão, ou seja, para ele, o conceito de corpo divide-se em: carne e corpo-próprio. A carne, substância material dotada de energia transformadora, seria a instância enunciante “por excelência” atuando como força de resistência e impulsão, responsável pela tomada de posição no processo de semiose. O corpo-próprio seria portador da identidade que se constrói no processo de semiose e no desenvolvimento sintagmático de cada semiótica objeto. Por convenção, o autor denomina a carne, “moi”; e o corpo-próprio, “soi”. O “soi” é a instância responsável pela construção do “eu” no discurso. Essa construção pode acontecer de duas maneiras: por repetição, recuperação e similitude configurando a identidade dos papéis, definido como “soi-idem”; ou por manutenção ou permanência de um movimento em uma mesma direção, correspondendo à identidade das atitudes, denominado “soi-ipse”. O objetivo desta apresentação é refletir sobre como a noção de corpo é tratada por Jacques Fontanille e como ela foi incorporada à teoria semiótica.

*([magoreti.silva@gmail.com](mailto:magoreti.silva@gmail.com))*

## **Prosodização do conteúdo: da isomorfia à não conformidade**

*Alpha Condeixa Simonetti (USP – SP)*

Diante dos desenvolvimentos atuais da semiótica de filiação estrutural e, em especial, na formulação do modelo tensivo elaborado por Claude Zilberberg, a de

signação do momento teórico surge junto a termos como o da “prosodização do conteúdo”. No trabalho seguinte, procuramos abarcar tal acepção a partir do papel da sílaba na formulação do modelo tensivo e, por conseguinte, do papel do plano da expressão e da simetria dos planos na função semiótica. Isto porque, no que tange aos desenvolvimentos da teoria, é recorrente o paralelo das deduções conceptuais que compõem o modelo tensivo com a prosódia, a modulação entoativa e a música. Contudo, para não esbarrar no uso metafórico da terminologia, a analogia entre o discurso musical e o momento teórico merece ser revisitada. Para tanto, dois pontos teóricos podem ser observados, a saber: o isomorfismo e a não conformidade dos planos. Sendo assim, contemplamos os problemas pertencentes à discussão teórica, tendo em vista não somente a correção na aplicação dos termos, como também a depreensão dos mecanismos fundamentais com os quais a teoria permite o exame metodológico. Com isso, vislumbra-se a manutenção do caráter geral da teoria, uma vez que é permitido o aproveitamento das definições no entendimento das diversas manifestações culturais como, por exemplo, as artísticas.

*([alphasimonetti@hotmail.com](mailto:alphasimonetti@hotmail.com))*

### **A temporalidade da memória**

*Cintia Alves da Silva (UNESP – SP)*

A problemática da representação da memória sempre esteve presente nas reflexões dos grandes pensadores, desde a antiguidade clássica até a contemporaneidade. Afinal, como trazer para o presente a imagem de algo ausente? Como a memória, essa experiência de caráter privado e singular, pode ser resgatada? Dada a sua impossibilidade de repetição no tempo cronológico, a memória somente pode ser recuperada por meio da linguagem, que reconfigura e narrativiza a experiência do tempo. Caracterizada pelo que o filósofo Paul Ricoeur denominou de “possessão privada” ou “minhadade”, a memória é concebida como uma experiência individual e intransferível entre sujeitos, à qual pode ser atribuída a continuidade temporal do indivíduo, como elemento constitutivo de sua “identidade”. A memória, como procedimento de discursivização, evidenciada nas narrativas de ficção, justamente pela propriedade “realçada” de distensão do tempo que estas últimas apresentam e que permite à narrativa ser desdobrada em enunciação e enunciado. A vinculação das noções de “ponto de vista” ou “voz narrativa”, tal como concebidas por Ricoeur, às categorias de narrador e

personagem, permite-nos compreender como, nas narrativas de ficção, a enunciação é associada ao discurso do narrador, enquanto o enunciado é associado ao discurso do personagem. Articuladas com as contribuições da semiótica francesa, preconizada por A. J. Greimas e seus colaboradores, as reflexões ricoeurianas parecem oferecer um panorama bastante produtivo para a compreensão da memória, especialmente quando vinculadas ao estudo dos sistemas e tempos verbais, às operações temporais e às formas de figurativização e tematização da memória, em meio ao intrincado jogo entre enunciação e enunciado. É, pois, com base nessas considerações, que este trabalho pretende discutir as imbricações entre a semiótica greimasiana e o pensamento ricoeuriano na compreensão dos processos pelos quais o tempo e a memória se organizam e se articulam narrativamente.

*(cinalv@gmail.com)*

### **O conceito de conversão na semiótica narrativa**

*Aline Aparecida dos Santos (UNESP – SP)*

Neste trabalho, pretendemos rever o conceito de conversão entre os níveis do percurso gerativo de sentido. A semioticista Anne Henault (1983), em seu estudo sobre as conversões, afirma que elas se dão da seguinte maneira: no nível profundo, são movidas por regras lógicas; no nível narrativo, por regras gramaticais e antropológicas e no nível discursivo, seguem regras socioculturais e sensíveis. Entretanto o filósofo Paul Ricœur (1980) questiona a distinção entre gramática fundamental e gramática narrativa de superfície, afirmando não ser possível que as estruturas lógicas do nível profundo possam simplesmente tornar-se mais complexas, de maneira completamente equivalente. Ele afirma que no momento em que a semântica da ação traz as significações maiores do fazer e a estrutura específica dos enunciados que se referem à ação, a gramática de superfície é na verdade uma gramática mista: semiótico-prática. Ao ser questionado sobre esse assunto, Greimas (1987) afirma, entretanto, sobre a importância do conceito de transformação, que é o que põe em movimento as relações lógicas do nível profundo. Considerando que Ricœur propôs a construção de uma hermenêutica fenomenológica de caráter reflexivo, cujo principal foco é a existência humana - a ser compreendida por meio dos signos nos quais ela se objetiva - contrapondo-se à teoria Semiótica cujo objeto de estudo é o discurso, afastando-se de qualquer tipo de ontologia, pretendemos refletir sobre esses dois pontos de vista com o objetivo de compreender se há apenas divergências ou

também convergências em torno da questão e, principalmente, se a crítica Ricoeuriana trouxe, de alguma maneira, contribuições à teoria semiótica narrativa.

*([aline.aaps@gmail.com](mailto:aline.aaps@gmail.com))*

### **Da teoria à aplicação: o sonho sob o olhar modal**

*Tatiana Cristina Ferreira (USP – SP)*

O presente artigo propõe discutir, do ponto de vista da semiótica francesa (greimasiana), o processo da construção da modalização e da enunciação na significação dos sonhos de pacientes em análise. A análise pauta-se no texto II contido em “Sonhos com material de contos de fadas”[1913], pertencente às obras de Sigmund Freud. O paciente conta seu sonho para seu analista. Sonho que o perturba e persiste em suas noites de sono. A história é narrada por um psicanalista (Freud) e é sob seu olhar e análise que conhecemos o mundo de seu paciente. A narrativa do sonho é permeada por narrativas de contos de fadas que parecem ser o objeto do medo do paciente. No processo descontínuo de um sonho, um sujeito se vê com um poder-saber desvendar o medo de um outro. Outro que se acha num contínuo de mesmos sonhos apavorantes com um mesmo objeto (lobo). O sujeito (paciente) está sem o saber-fazer mas crê em um poder-fazer (analista) que o libertará de sua atual situação. Sonho e contos de fada que se intensificam por um enunciado similar. E, é nessa arena de enunciados da narrativa dos contos que se intensificará a temporalidade, de aspecto contínuo, elemento condutor da análise do que detém o poder-saber (analista). É por meio do eixo do ser e do parecer que o segredo é descoberto e a verdade se faz em um processo descritivo perceptivo da construção do acontecimento de um sujeito que vê e conduz o olhar do outro. Construiremos o percurso gerativo da significação do sonho (figura do lobo - isotopia pai) sob o processo de modalização e da enunciação das cifras tensivas.

*([tatyferreira@hotmail.com](mailto:tatyferreira@hotmail.com))*